



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

1977 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

## À ESCUTA DE PROFESSORAS: ARTE E FORMAÇÃO

Carla Andrea Corrêa - UFF - Universidade Federal Fluminense

Luciana Esmeralda Ostetto - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

### Resumo:

O desejo de dialogar com professoras de Educação Infantil, para ouvir suas narrativas sobre arte, acolher suas histórias e, com elas, pensar a dimensão estética na formação docente, guiou a pesquisa aqui apresentada. As abordagens (auto)biográficas fundamentaram o traçado teórico-metodológico, e a colaboração de 24 professoras de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Macaé/RJ, definiram a sua abrangência. Na força da palavra docente, revelam-se conteúdos que dizem da família como principal mediadora do contato com a arte – fotografia, dança, teatro, museu, literatura e artesanato. No caso da escola, esse contato, na memória, se restringe a festividades e trabalhos manuais. Nas histórias contadas, as professoras dizem que se formam esteticamente não apenas por meio da arte, mas no encontro com tudo que as rodeia. As narrativas nos ajudam a pensar que fruir e experimentar, com a arte e a natureza, são aspectos da docência na Educação Infantil e que, portanto, precisam ser garantidos em projetos de formação.

Palavras-chave: Educação infantil e arte; Formação cultural docente; Narrativas (auto)biográficas.

## À ESCUTA DE PROFESSORAS: ARTE E FORMAÇÃO

### Resumo:

O desejo de dialogar com professoras de Educação Infantil, para ouvir suas narrativas sobre arte, acolher suas histórias e, com elas, pensar a dimensão estética na formação docente, guiou a pesquisa aqui apresentada. As abordagens (auto)biográficas fundamentaram o traçado teórico-metodológico, e a colaboração de 24 professoras de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Macaé/RJ, definiram a sua abrangência. Na força da palavra docente, revelam-se conteúdos que dizem da família como principal mediadora do contato com a arte – fotografia, dança, teatro, museu, literatura e artesanato. No caso da escola, esse contato, na memória, se restringe a festividades e trabalhos manuais. Nas histórias contadas, as professoras dizem que se formam esteticamente não apenas por meio da arte, mas no encontro com tudo que as rodeia. As narrativas nos ajudam a pensar que fruir e experimentar, com a arte e a natureza, são aspectos da docência na Educação Infantil e que, portanto, precisam ser garantidos em projetos de formação.

Palavras-chave: Educação infantil e arte; Formação cultural docente; Narrativas (auto)biográficas.

### Olhar as crianças, pensar a formação docente

Meninos e meninas. Crianças. Não é verdade que curiosidade, criatividade e imaginação permeiam seu universo? As

crianças são ávidas por oportunidades que lhes abram espaço para experimentar, explorar, conhecer e expressar o mundo no qual estão imersas. Entre natureza e cultura, pela imaginação, vão em busca de experiências e exercitam suas múltiplas linguagens, das quais se servem para se relacionar com o mundo, se apropriar e expressar o mundo.

Reconhecer essa potencialidade da criança e sua condição de produtora de cultura, implica a abertura do olhar para a infância, “não como aquilo que olhamos, senão como aquilo que nos olha e nos interpela” (LARROSA, 2016, p. 16). Impõe reconhecer a alteridade da infância.

Como garantir práticas pedagógicas na perspectiva da alteridade da infância? Em termos legais, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), ao estabelecerem princípios éticos, políticos e estéticos como base para os projetos a serem desenvolvidos com e para as crianças, oferecem uma boa direção. A definição dos eixos brincadeira e interações para os currículos da Educação Infantil, também contribui nessa direção, sendo complementada com a indicação: as propostas devem garantir experiências que, entre outras, ampliem experiências sensoriais, expressivas, corporais, que “favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical” (BRASIL, 2009, p. 3).

Acolher tais princípios pressupõe a formação cultural docente, a educação (do) sensível, experiências de múltiplas linguagens, compreensão que já está posta em diretrizes e documentos oficiais. No que diz respeito às Diretrizes específicas para o Curso de Pedagogia, no estabelecimento de um núcleo de estudos básicos, temos a indicação de que as propostas pedagógicas dos cursos deverão contemplar, além dos conteúdos de campos disciplinares diversos, entre eles a Arte, “questões atinentes à ética, à estética e à ludicidade, no contexto do exercício profissional”; e, quando estabelece um núcleo de estudos integradores com o objetivo de proporcionar enriquecimento curricular, faz referência à participação em “atividades de comunicação e expressão cultural” (BRASIL, 2006, p. 03).

Porém, as questões relacionadas à arte ainda têm sido pouco valorizadas nos cursos de formação, não sendo reconhecido seu potencial reflexivo, criativo e transformador do humano (ARAÚJO, 2015). Daniel Momoli e Olga Egas (2015), em pesquisa sobre a presença da arte nos cursos de Pedagogia, traçam um panorama sobre essa realidade. Indicam que, mesmo com a determinação legal vigorando desde 2006, a inserção da arte como área de conhecimento na formação de professores no curso de Pedagogia ainda é precária. Segundo a pesquisa, entre as 99 Instituições de Ensino Superior brasileiras analisadas, “32 não apresentam nenhuma disciplina relacionada à arte” (MOMOLI; EGAS, 2015, p.62). O estudo das ementas e bibliografias revelou “fragilidades nas relações entre a teoria e a prática, e a falta de articulação entre o conhecimento artístico e a dimensão estética na formação de pedagogos” (MOMOLI; EGAS, 2015, p.69). Esse fato compromete a formação estética do futuro docente e, conseqüentemente, a formação das crianças.

Aproximar a arte da formação de professores é necessário e urgente, para engendrar processos poéticos e plurais, em consonância com o tempo atual. Nas palavras dos autores:

Quando pensamos nas possibilidades da arte na educação, reconhecemos que a arte pode oferecer outros modos de pensar a formação do pedagogo no movimento de aprender a olhar, com novos pontos de vista, a escola, a arte e a infância. Consideramos que a arte pode ampliar e potencializar o repertório estético e cultural dos futuros pedagogos, possibilitando que a educação possa vir a ser um processo mais poético na compreensão das pluralidades do nosso tempo (MOMOLI; EGAS, 2015, p. 72).

Ao falarmos de formação cultural, não estamos nos referindo à definição de prescrições curriculares ou programas com conteúdos restritos e enquadrados, através dos quais os docentes ascenderão a um outro patamar da cultura, considerada recomendável, como se houvesse um padrão a ser alcançado. Compreendemos que falar de formação cultural é apontar a necessidade de se oportunizar espaços para a criação, para a experimentação, para o contato com os bens simbólicos da cultura, seja no museu, no ateliê do artista ou na oficina do artesão (LEITE, 2008; OSTETTO, 2006). É abrir possibilidades para que experiências aconteçam, lembrando que “a experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (LARROSA, 2016, p.26).

Mas, para além de qualquer prescrição formativa, considera-se importante refletir sobre caminhos e descaminhos percorridos pelos professores e pelas professoras – em que lugar fica a arte em suas vidas? Quais são seus gostos e desejos? O que poderiam contar como experiências com a arte em suas vidas? Seguir pela via do diálogo com professoras de Educação Infantil, para ouvir suas narrativas sobre arte, acolher suas histórias e, com elas, pensar a dimensão estética na formação docente, foi a perspectiva assumida na nossa pesquisa.

### **Caminhos da pesquisa**

Nossos objetivos foram assim definidos: Identificar e analisar, nas narrativas de professoras sobre arte, sentidos da formação estética; reconhecer as experiências sensibilizadoras no percurso de vida e formação de professoras da Educação Infantil; identificar as expectativas de professoras com relação à arte em suas vidas; analisar tempos, espaços, limites e possibilidades na vivência com a arte. As abordagens (auto)biográficas (JOSSO, 2010; NÓVOA e FINGER, 2010; DELORY-MOMBERGER, 2012) fundamentaram o traçado teórico-metodológico, compreendendo que narrar é uma forma de olhar para dentro, num movimento de encontro com o passado, que também pode conduzir a

desejos de futuro, entre dúvidas e anseios do presente.

As narrativas constituem a possibilidade de cada um ir ao encontro de si mesmo, potencializando a reflexão sobre as próprias experiências. No âmbito das abordagens (auto)biográficas, o caráter formativo do percurso de vida de cada indivíduo é reconhecido:

[...] as histórias de vida e o método (auto) biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões de formação, acentuando a ideia que 'ninguém forma ninguém' e que 'a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida' [...] (NÓVOA, 2010, p. 166).

A formação envolve a reflexividade crítica e a consciência contextualizada: ao refletir sobre sua trajetória de vida, toma consciência, elabora uma compreensão sobre seu percurso de vida, ou seja, forma-se. Um movimento de olhar para dentro e fora de si. Memórias e desejos.

O ato de narrar o vivido carrega a essencialidade do poder de as pessoas se reconhecerem como sujeitos de suas próprias histórias, atribuindo sentido aos diferentes itinerários percorridos. Ao comporem suas narrativas sobre a vida vivida, colocam-se em posição de escuta, olham para as múltiplas direções, dentro e fora de si, reportando-se ao que foram, ao que são, ao que desejam ser; ao que fizeram, ao que fazem, ao que projetam fazer (OSTETTO; KOLB-BERNARDES, 2015, p. 164).

Apoiando-se no quadro teórico delineado, os dados foram produzidos a partir de narrativas escritas de 24 professoras de Educação Infantil que participaram do curso "Arteiros Brincantes", promovido pela Rede Municipal de Educação de Macaé/RJ. Por meio de duas perguntas lançadas – "Como a arte está presente ao longo de sua vida?"; "Como você gostaria que a arte estivesse presente em sua vida?" –, as professoras foram convidadas a escrever sobre como compreendiam a arte em suas vidas, sobre experiências e desejos nesse campo. A proposta de escrita teve um caráter aberto, amplo e livre, sem qualquer intervenção sobre a forma ou o conteúdo das narrativas a serem produzidas.

No tratamento do material biográfico produzido, uma questão se impôs: como entrar em contato com as narrativas docentes, buscar identificar conteúdos, temas e histórias, de maneira a não corrompê-las com categorizações ou interpretações unilaterais? Para traçar um diálogo com as narradoras a partir da trama de suas memórias, abriu-se espaço para o exercício de uma escuta sensível, tal como em uma roda de conversa, na qual diferentes sujeitos tomam a palavra – pesquisadores, professoras-narradoras e autores que nortearam nossa base teórica.

Nos limites do presente artigo, uma ou outra narrativa será apresentada. O nome das professoras, citados aqui, são fictícios, conforme acordo assinado nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

### **À sombra da árvore ressoam histórias... Onde está a arte?**

No livro *À sombra desta mangueira*, Paulo Freire (2015) conta-nos sobre os cheiros e sabores de sua infância, de um menino que cresceu em quintais, cuja memória é repleta de experiências onde a sensibilidade entrelaça-se à solidariedade humana. A experiência de narrar nos permite rememorar nossa história, num jogo de luz e sombra que revela, também, nossas escolhas em nossos percursos de formação. O que contaram as professoras, à sombra da árvore metafórica constituída para o encontro narrativo?

Sobre os tempos, revelam-se muitas narrativas sobre a infância, destacando que as experiências oportunizadas nessa época foram muito significativas para sua formação sensível. As lembranças da infância aparecem com maior frequência ligadas às expressões através do desenho, da pintura, das brincadeiras de faz de conta, mas também no contato com a natureza, no quintal e na relação com a família, principalmente avós. A fase da adolescência quase não aparece. Na idade adulta, além de experiências com múltiplas linguagens artísticas – música, dança, teatro, fotografia, cinema, desenho e pintura, exposições de arte, artesanato, literatura –, (re)aparece o contato com a natureza como importante elemento de sua formação estética.

Os espaços identificados na pesquisa apontam os diferentes meios sociais que favoreceram, ou não, as experiências com a arte ao longo da vida. As relações afetivas, sobretudo na família, aparecem como importantes laços de incentivo às experiências sensíveis: o quintal da casa, as habilidades da avó, são lembranças fortes. As poucas oportunidades oferecidas pela escola, aulas de artes, apresentações em festas, com danças e peças infantis, também são citadas como importantes. Há professores incentivadores em suas memórias...

De um modo geral, as oportunidades de experiências artísticas e estéticas das professoras participantes da pesquisa guardam semelhanças entre si. Provavelmente, por tratar-se de um grupo que vive numa cidade do interior e, em sua maioria, com poucas condições de acessar outros lugares. E, sabemos, as cidades têm papel muito importante na formação cultural dos sujeitos.

Toda cidade é como um grande espaço de educação, com personalidade própria e integrada ao seu estado, região, país. Um espaço

que, mesmo com suas fronteiras, é permeável às relações com o entorno. [...] As cidades são espaços privilegiados de difusão da Arte e demais expressões de cultura. [...] O que vemos e tateamos em nossa cidade? Nosso olhar se constitui e se qualifica na medida em que vemos coisas diferentes; que experienciamos espaços diversos... (LEITE, 2008, p. 66).

Uma situação reconhecida nessa cidade do interior: além de poucos equipamentos culturais formais, há pouco aproveitamento das ofertas existentes. Percebe-se falta de iniciativa para experimentar o diferente, valendo o senso comum: “arte é artigo de luxo”, só para alguns. Nesse contexto, a família aparece como mediadora do acesso à arte, durante a infância e a adolescência.

Laura: Mas acredito que por ter nascido de uma professora de Artes, artista plástica e bordadeira, sempre tive ao meu alcance material variado e incentivo para criar livremente.

Dilcea: Eu sentia maior alegria em brincar com as “bonecas” de pano que eram confeccionadas pela minha avó.

Carla: Gostava muito de colorir desenhos, usar tintas, lápis de cor e hidrocor. [...] Minha avó, todo mês, comprava um livrinho de colorir e um gibí, eu adorava! [...] E adorava montar casas de papel, maquetes, com detalhes dos cômodos e móveis.

Em poucas histórias a escola é lembrada como um espaço aberto às experiências sensíveis da arte. Mesmo assim, ainda que normalmente estivessem ligadas a eventos ou atividades específicas, despertavam o interesse por serem as únicas oportunidades de contato com expressões artísticas. As atividades de artes citadas no âmbito de vivências escolares, são relacionadas a desenhos e reproduções que, muitas vezes, limitavam a criatividade. Mas há experiências positivas. E elas permanecem na memória de algumas professoras.

Alice: A arte está em minha vida desde o início da minha vida escolar, pois sempre gostei de desenhar e reproduzir imagens pintadas em quadros. Todos os professores que tive me incentivaram a desenhar.

Josilene: Já na creche participava de danças e apresentações nas festas e confecções de artesanatos. Na escola não foi diferente! Sempre gostei muito de dançar e representar nas festas.

Carla: Na escola também gostava das aulas de arte desde bem pequena, apesar de não ter sido neste espaço que tive as maiores oportunidades de criação. [...] Participava de todas as festas da escola, nas danças coreografadas pelas professoras e que, mais tarde, também eram criadas por mim. [...] O teatro também surgiu na minha vida a partir da escola.

Anne: A escola me oportunizou o teatro, a dança, a encenação, a representação, o cinema.

Déia: [A arte] esteve presente em minha vida, dos 09 aos 18 anos, quando frequentava as aulas de piano e participava das encenações e apresentações na igreja e no Curso Normal.

As professoras também contam suas experiências com a natureza, como uma forma de encontro com a arte.

Kaíla: Desde pequena tive muito contato com a natureza e a natureza é muito inspiradora! [...] admirar grandes campos verdes, secos, morros com um lindo nascer do sol e um belo entardecer. [...] com o prazer de poder apreciar verdadeiras obras de arte naturais [...]

Mariana: Quando ia à praia com a família, especialmente quando os filhos eram pequenos, ficávamos um grande tempo construindo castelos de areia, onde os reis, rainhas e príncipes éramos nós!

Sophia: Quando criança, no quintal da minha casa, abrir e fechar buracos no chão, depositando ali insetos mortos, folhas e flores secas. Na adolescência, através de desenhos da natureza (sol, mar, montanhas...) [...]

Alice: Eu gostava muito de pintar desenhos de coqueiros, sol, cachoeira, pois moro em Glicério na serra de Macaé/RJ, que é um lugar de verdadeira arte natural, cheio de pássaros cantando, cachoeiras das mais belas, tranquilidade, flores e frutos.

A natureza, por si só, não é arte. A arte é uma atividade humana caracterizada pela transformação da matéria, é um fazer, diz Alfredo Bosi (1986, p. 13): “A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura”. Mas, o que se pode compreender sobre o lugar da natureza no fazer artístico? Nas palavras da professora Kaila: “[...] a natureza é muito inspiradora!” ou, como diz a pesquisadora:

A formação cultural [...] deriva da experiência estética – a possibilidade que temos de nos defrontarmos com os objetos de cultura ou de natureza (afinal a natureza também nos oferece seus encantos, seus sons, suas imagens, odores, sabores) de maneira pessoal, autônoma e crítica, e de nos deleitarmos com eles, de irmos fundo, entregues de corpo e alma, vivendo intensamente aquilo que estamos vendo/ouvindo [...] e fazermos com que a expressão cultural ou a natureza em questão reverbere e se expanda como em ondas dentro de cada um, afetando-nos e permanecendo em nós, deixando-nos diferentes, marcados para sempre (LEITE, 2008, p. 58).

A arte é um dos caminhos para a formação cultural e estética, mas formar-se esteticamente vai além, não acontece em um banco escolar, a partir de lições de história da arte. As professoras enunciam o que foi formativo de sua sensibilidade, reconhecendo a arte e a cultura como necessárias à docência na Educação Infantil. Apontando essa necessidade, revelam a importância de experiências culturais, dentro e fora da escola, para cultivar olhares, escutas e movimentos sensíveis junto às crianças.

Ouvindo professoras, reafirma-se a necessidade de se projetar propostas de formação que acolham a inteireza do ser – sentimentos, pensamentos, intuições, sensações –, onde a arte e as experiências culturais atravessem os conhecimentos, sensível e inteligível, conduzindo a um caminho de formação ética e estética.

## Referências

ARAÚJO, A. R. F. de. Os cursos de Pedagogia e o ensino da Arte: aspectos legais e históricos. **Trama Interdisciplinar**. São Paulo, v. 6, n.2, p. 37-58, maio/ago. 2015.

BOSI, A. **Reflexões sobre a arte**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BRASIL. Resolução CNE/CEN nº 05/09. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 1/2006. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia**. Brasília, 2006.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n.51, set./dez. 2012.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

JOSSO, M. C. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre a experiência**. 1. ed; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LEITE, M. I. Experiência estética e formação cultural: discutindo o papel da cidade e de seus equipamentos culturais. In: MAKOWIECKY, S; OLIVEIRA, S. R. **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008.

MOMOLI, D.; EGAS, O. A dimensão estética na formação dos pedagogos. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 6, n.2,

p. 59-74, maio/ago. 2015.

NÓVOA, A. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto PROSALUS. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

OSTETTO, L. E. A arte no itinerário da formação de professores: acender as coisas por dentro. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 1, p. 29-43, jan./jun. 2006.

OSTETTO, L. E.; KOLB-BERNARDES, R. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. **Pro-Posições**, v. 26, n.1 (76), p. 161-178, jan./abr. 2015.